

## A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Rita de Cássia Soares Lopes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho foi descrever a proposta de implementação pedagógica, fruto do Programa de Desenvolvimento Educacional criado e proposto pelo governo do Estado do Paraná, realizado no ano de 2009. A presente pesquisa aconteceu numa escola da rede pública estadual no município de Ponta Grossa. Para a realização do estudo, participaram 58 alunos na faixa etária entre onze e dezesseis anos. O trabalho foi planejado e executado em vários momentos, utilizou-se como material de apoio em cada encontro, a produção didática, neste caso, um caderno pedagógico, elaborado especificamente para propiciar questões relacionadas ao tema, "A Relação Professor/Aluno e o Processo Ensino/Aprendizagem." Concluiu-se com essa proposta, que a escola pode sim, por meio de intervenções, motivar e sensibilizar tanto alunos, quanto professores a repensarem suas ações no ambiente escolar, otimizando o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: relação – professor – aluno; interação; ensino – aprendizagem

**ABSTRACT:** ABSTRACT: The purpose of this study was to describe the educational implication proposal, that was a EDP (Educational Development Program) result; this kind of program created and proposed by the state government of Parana, that was held in 2009. This research took place in a public school in this state in the municipality of Ponta Grossa. For the study, were involved 58 students aged between eleven and sixteen years old and twelve teachers. The work was planned and executed in several and different moments and it was used as background material for each meeting, the didactic production, in this case, an educational notebook, designed specifically to provide questions on the theme. "The Relationship Teacher / Student and Teaching Process / Learning." It was concluded that the school is able to awareness and motivate both our students and teachers, through intervention, to rethink their actions in the school environment, optimizing the teaching-learning process.

Keywords: relationship - teacher - student; interaction, teaching – learning

---

<sup>1</sup> Especialista em Alfabetização. Pedagoga da Rede Pública Estadual.

## 1 Introdução

A relação professor-aluno tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola.

Ao levar em consideração a escola como a única instituição demarcada, com a possibilidade da construção sistematizada do conhecimento pelo aluno, foi de fundamental importância a criação de algumas possibilidades e condições favoráveis, nas quais alunos e professores puderam refletir sobre sua prática e passaram a atuar num clima mais condizente com a realidade de uma escola. Isso se deu porque, quanto mais instrumentalizados se sentiam melhor acontecia o desenvolvimento das ações realizadas por esses sujeitos. Assim, pôde-se perceber que é sempre imprescindível rever alguns aspectos da realidade atual da escola, no sentido de propiciar condições favoráveis, que possibilitem o interesse de professores e alunos, para que constantemente pensem sobre essa realidade. Só dessa forma poderão conquistar o reconhecimento e a valorização de suas ações, por parte de toda a comunidade escolar.

Sabe-se que existe uma preocupação por parte de muitos estudiosos e pesquisadores em contribuir para um trabalho mais rico e significativo nas escolas. Mas, ao se fazer uma análise do atual contexto escolar, nota-se que ainda são muito perceptíveis no cotidiano da escola, as reclamações e insatisfações por parte dos professores em relação aos alunos e vice-versa. Ou seja, a relação professor-aluno parece ser permeada por animosidades ou conflitos. Diante de tantos desconfortos pedagógicos, houve alguns impasses: Entender ou repreender? Orientar ou ignorar? A partir daí, tomou-se a decisão de olhar de frente o problema e o aproveitar para um tema de pesquisa a ser investigado: Como a relação professor-aluno pode contribuir no processo ensino-aprendizagem?

## 2 Referencial Teórico

### 2.1 O professor e sua prática

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar neste artigo é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

Entretanto, ao aproximar-se da figura de alguns professores, percebe-se que muitos, baseados no senso comum, acreditam que ser professor é apropriar-se de um conteúdo e apresentá-lo aos alunos em sala de aula.

Mudar essa realidade é necessário para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas. Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível, e que no momento atual, embora muitos fatores não contribuam para essa compreensão, o professor necessita assumir uma postura crítica em relação a sua atuação recuperando a essência do ser “educador”.

E para o professor entender o real significado de seu trabalho, é necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000, p.29).

Fazendo uma correlação com esse ponto de vista, não se pode deixar de destacar e valorizar os fenômenos histórico-sociais presentes na atividade profissional do professor. Nessa perspectiva, jamais poderá ser compreendido o trabalho individual do professor desvinculado do seu papel social, dessa forma estar-se-ia descaracterizando o sentido e o significado do trabalho docente.

Considerando a emergência de se trabalhar a identidade do professor, percebe-se uma vasta bibliografia sobre a profissão docente, a qual tem apresentado muitas ideias e questionamentos, principalmente sobre a formação dos professores, e, mais especificamente, sobre a formação reflexiva dos professores. No entanto, percebe-se que ainda não existe um consenso quanto ao significado

exato do que seja o professor reflexivo, embora haja muitos estudos e pesquisas nessa linha teórica.

Segundo Pimenta (2002), faz-se necessário compreender com mais profundidade o conceito de professor reflexivo, pois o que parece estar ocorrendo é que o termo tornou-se mais uma expressão da moda, do que uma meta de transformação propriamente dita.

Para Libâneo, é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor precisa para alterar sua prática, pois para ele

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76)

Assim, se percebe que pensar sobre a formação de professores é conceber que o professor nunca está acabado e que os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais, no sentido de que é por intermédio desses instrumentos que os professores terão condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir nessa realidade e transformá-la

## **2.2 O processo de interação e de mediação na relação professor-aluno**

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de

mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres. E para compreender melhor essa prática dialógica, Freire acrescenta que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços estará conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.

Já para Vygotsky, a ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo. Pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. A atuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. Certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola.

Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto.

Na teoria de Vygotsky, é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas.

Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno.

### **2.3 A Afetividade**

A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes.

Nesse sentido, acredita-se que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

Entende-se que cada ser humano, ao longo de sua existência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, baseado em suas vivências e experiências. Dessa forma, o comportamento diante do outro depende da natureza biológica, bem como da cultura que o constituiu enquanto sujeito. Nessa perspectiva, é de fundamental importância entender que a sala de aula é um espaço de convivências e relações heterogêneas em ideias, crenças e valores.

Na teoria de Henri Wallon, encontramos subsídios importantes no que diz respeito à dimensão afetiva do ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Para esse teórico, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra.

Os estudos de Wallon propõem algumas reflexões a respeito da constituição do adolescente. Tais reflexões fornecem pistas fundamentais aos professores que atuam com essa faixa etária. Segundo o autor, a juventude inicia-se com uma crise marcada por mudanças na estruturação da personalidade. É um momento no qual o

adolescente volta-se para questões que estão mais diretamente ligadas ao seu lado pessoal, moral e existencial.

Nesse sentido, a afetividade torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do adolescente consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afetivas.

Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações. Diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas.

Considera-se esse período o mais marcado pelas transformações, talvez seja essa uma das razões pelas quais exista um enorme desejo de se romper com os modelos pré-estabelecidos.

Para Galvão (1995), o desenvolvimento do adolescente é marcado por muitos conflitos, que são próprios do ser humano, alguns são importantes para o crescimento, outros provocam muito desgaste e transtornos emocionais.

Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar. É importante que se ressalte que, quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade. Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Assim, todo educador que deseja adequar sua prática pedagógica à teoria Walloniana deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo.

Para finalizar e contribuir com as reflexões acerca da afetividade na escola, Freire salienta

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Isso vem reforçar a ideia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afetividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas.

Enfim, a teoria de Wallon considera as questões afetivas como molas propulsoras que promovem o avanço e o desenvolvimento dos indivíduos. Assim, é necessário conceber a sala de aula como um rico espaço de relações entre alunos e professores.

Levando em conta esse cenário de oposição e interação em que, muitas vezes, o convívio harmônico é quase impossível, faz-se necessário salientar mais uma vez o diálogo como um instrumento importante nessas relações.

#### **2.4 Jovens alunos: Quem são?**

Analisar essa fase da vida, a adolescência, é, sem dúvida, uma demonstração de cuidado, atenção e preocupação com os alunos que compõem o mundo estudantil das escolas.

E para entender melhor algumas questões ligadas à adolescência, é preciso compreender esse fenômeno, considerado a partir do século XX, fase que acabou se expandindo de tal forma, que hoje pode-se considerar que muitos jovens manifestam comportamento de adolescente.

Segundo Carvajal (1998), existem três fases distintas para esse momento da adolescência. Portanto esse período não é linear e há diversos aspectos a serem considerados.

A primeira fase considerada por esse autor é a “puberal”, marcada pelo aparecimento das modificações fisiológicas, as quais são acompanhadas das mudanças psíquicas. Nesse estágio, os adolescentes irritam-se facilmente, tornam-se arredios, explosivos e preferem manter-se isolados. Já manifestam o desejo de que o tratem como adulto. Para Carvajal (1998, p. 78) “O púbere começa a



desempenhar o papel mais importante do adolescente: aquele que busca uma identidade”.

A segunda fase é chamada de “adolescência nuclear” e é denominada por Carvajal como o núcleo da adolescência. Marcada como etapa de surgimento do grupo, o qual passa a ser foco de interesse do jovem. Nessa fase, tudo gira em torno dos interesses do grupo, chegando ao ponto de o jovem curvar-se às leis ditadas pelos companheiros. Aqui, ao contrário da fase anterior, surge, no adolescente, a necessidade de se compartilharem todas as coisas com os seus pares eleitos, pois ele tem necessidade de sentir-se aceito pelos colegas.

Aparecem novos códigos de comportamento, que, muitas vezes, ditam as regras a serem seguidas. Momento marcado pela oposição ao mundo, desencadeando um jeito diferente de ser. Esse período oferece modelos identificatórios como: punks, darks, hippies, metaleiros e outros. Isso mostra o quanto, essa fase é marcada por um momento de rica expressão, originalidade e criatividade.

A terceira e última fase é denominada pelo autor, como “adolescência juvenil”. Esse conceito já qualifica o início da vida adulta. Os adolescentes começam a manifestar um comportamento mais independente e surgem as preocupações com os acontecimentos sociais. Eles começam a se tornar mais ativos, envolvendo-se em trabalhos na comunidade e passam a respeitar as regras da sociedade.

Calligaris (2000), um outro estudioso do tema, ajuda-nos a compreender algumas ideias. Segundo ele, a cultura atual impõe aos adolescentes uma moratória. Isso significa que o adulto sempre está adiando o momento de o adolescente demonstrar que está apto e responsável, conseguindo mostrar o que já aprendeu.

Para muitos professores, é difícil, quase impossível, conviver nesse meio sem expressar um forte desejo em entender melhor essa fase tão importante da vida. Segundo a psicologia, no desenvolvimento humano, todo rompimento entre o que está estabelecido e o que é necessário ainda a ser definido é um processo doloroso e, ao mesmo tempo, delicado. É assim que se apresentam as mudanças que ocorrem nessa passagem.

Na escola, esse momento é muito impreciso e normalmente vem acompanhado de sentimentos contraditórios como: sensibilidade X indiferença, energia X fragilidade, entusiasmo X desânimo, alegria X tristeza, firmeza X insegurança, delicadeza X irreverência entre outros.

Segundo Matos (2003), nessa fase, o jovem oscila em seu modo de ser, ora age como criança, ora como adulto. Essa ambiguidade também ocorre por parte dos adultos, pois, em muitas situações, eles permitem um “quase tudo”, em outras utilizam excesso de rigor, exigindo do jovem responsabilidade de adulto. Isso só confirma que a imprecisão não está apenas no jovem, mas também naqueles que com eles convivem.

Para os professores, entender esse período de transformação da vida humana é fundamental para o bom relacionamento com os alunos, bem como para a organização de novas práticas pedagógicas. Essa percepção e compreensão do comportamento do jovem auxiliarão os professores na criação de projetos inovadores mais voltados para a cultura juvenil dos alunos.

Segundo Calligaris (2000), “Nossos adolescentes e jovens amam, estudam, brigam. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam.” Cabe à escola então, despertar o interesse e os sonhos desses jovens, do contrário só poderá constatar que todo espaço é desinteressante para quem para de sonhar.

Sabe-se que um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento intelectual e pessoal do aluno, então por que não concentrar esforços em projetos e ações educativas que incentivem a participação desses adolescentes-jovens, preparando-os para uma atuação crítica e criativa na sociedade?

Infelizmente ainda prevalece, no senso comum, a ideia de que os jovens significam problemas para a sociedade. Na verdade, o que está sendo esquecido é que essa faixa etária faz parte de um contexto social bem maior, o qual está passando por várias transformações e crises em vários setores. Essas transformações acabam provocando mudanças no comportamento de todas as pessoas, gerando crises de valores e uma crescente desigualdade social.

Na educação, observa-se por parte de muitos educadores uma preocupação com esses problemas, contudo é preciso acreditar que a educação, muito além de promover o acúmulo de conhecimentos, possibilita aos adolescentes novas formas de se posicionarem diante da realidade.

Nesse sentido, um dos maiores desafios que ora se impõe para a escola, é propiciar um trabalho voltado para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos alunos, pois segundo Guillot (2008, p.165), “o mundo concreto é irrigado pelas novas tecnologias.” No entanto, esse mesmo autor nos chama a atenção para o seguinte fato: não é por meio de uma série apresentada na televisão 24h que os alunos irão

compreender a cultura de que precisam para se tornarem homens e mulheres livres e responsáveis. Para tanto, mais uma vez se reconhece a importância e o papel fundamental do professor, enquanto elemento articulador capaz de organizar patamares de encontro entre aquilo por que o aluno demonstra ter interesse e o que a escola realmente precisa trabalhar.

O que se deseja propor com essa reflexão é que, numa ação coletiva, professores repensem a organização de suas atividades docentes, partindo em busca de práticas que sensibilizem os jovens a participarem ativamente da construção de seus conhecimentos e de suas vidas escolares.

Para que os alunos possam aprender de fato, buscando desenvolver um espírito cada vez mais crítico e criativo, não se pode ignorar o mundo no qual esses jovens vivem. E para que essas proposições venham a se efetivar na prática, acredita-se que é essencial começar ouvindo os alunos, conhecendo melhor suas opiniões, anseios e sonhos.

Mobilizar a juventude estudantil, demonstrando-lhes a importância e o valor de um envolvimento ativo no trabalho educativo é, sem dúvida, redesenhar uma nova escola.

## **2.5 Ensino-aprendizagem: Como entender esse processo?**

Muitos pesquisadores consideram o ensino e a aprendizagem termos indissociáveis na construção do conhecimento. Assim, não se pode compreender a importância do primeiro, sem reconhecer o significado a que o segundo nos remete nessa construção.

Sabe-se que esses conceitos sofreram várias transformações no decorrer da história de produção de conhecimento pelo homem. Nesse sentido, o processo ensino-aprendizagem tem sido caracterizado de diferentes formas, ora procura dar ênfase à figura do professor como detentor do saber, responsável pela transmissão do conhecimento, ora vem destacar o papel do aluno como sujeito aprendiz, construtor de seu conhecimento.

Por seguirem trajetórias paralelas, os estudos e as pesquisas sobre o como se ensina e o como se aprende demonstram que hoje não existe uma forma única para compreender esse processo.

Entretanto, nas últimas décadas, percebe-se uma crescente contribuição por parte das investigações realizadas na área da psicologia, as quais vêm propondo uma mudança significativa para as práticas escolares, visto que essas reflexões têm provocado um deslocamento no eixo-pedagógico, mudando a valorização de como e quem ensina, para a preocupação de quem aprende e de como se aprende.

No entanto, para o professor entender melhor o contexto atual e refletir criticamente sobre suas ações, faz-se necessária uma breve retomada sobre as tendências pedagógicas que influenciaram e vêm influenciando o ensino e a aprendizagem ao longo da história educacional.

As tendências pedagógicas foram evoluindo e foram divididas em cinco abordagens, dentre as quais algumas colocaram como seu maior objetivo o refletir, o pensar e o fazer do professor.

A primeira abordagem a ser retomada é a “Tradicional”. Nessa teoria, o processo ensino-aprendizagem era totalmente centrado no professor. Tinha como objetivo principal formar o aluno ideal, contudo não se levava em conta seus interesses.

Para Mizukami (1986, p.12), nessa abordagem, quanto mais rígido o ambiente escolar, mais concentrado e voltado para a aprendizagem o aluno se mantinha. O professor era visto como mero repassador de conteúdo e o aluno como um ser passivo no processo. As habilidades desenvolvidas no aluno eram a memorização e a repetição.

Em seguida, vem a abordagem “Comportamentalista”. Teoria baseada no empirismo que vê o aluno como produto do meio. E o experimento é a base do conhecimento, que, segundo Skinner, estudioso dessa abordagem, o comportamento resulta de um condicionamento operante. A resposta esperada do aluno ocorre quando ela é estimulada por meio de reforços.

O professor é aquele que planeja, organiza e controla os meios para atingir seus objetivos, os quais são estruturados em pequenos módulos, conhecidos como estudos programados.

A abordagem “Humanista” apresenta seu enfoque no aluno. Segundo Mizukami (1986), a ênfase dessa teoria ocorre por meio das relações interpessoais e do crescimento que delas resulta.

Nessa teoria, a preocupação maior do professor deve ser a de dar assistência aos alunos, ele deve agir como um facilitador da aprendizagem. O

conhecimento resulta das experiências do aluno, o qual é capaz de buscar por si só os conhecimentos.

A quarta abordagem é a “Cognitivista”. Segundo Mizukami (1986, p.59), essa abordagem percebe a aprendizagem de forma científica, como um produto do meio, resultante dos fatores externos. Preocupa-se com as relações sociais sem deixar de privilegiar a capacidade do aluno em assimilar as informações.

Nessa teoria, o professor, além de planejar os conteúdos, preocupa-se em trabalhá-los da melhor forma, adequando-os ao desenvolvimento dos alunos. Aqui o professor é visto como um coordenador e o aluno como um sujeito ativo em seu processo de aprendiz.

Na abordagem “Sócio-Cultural”, a relação professor - aluno ocorre de forma horizontal e não impositivamente. Isso significa que as relações autoritárias são abolidas dessa teoria.

A ação pedagógica do professor e do aluno volta-se para uma prática histórica real. Segundo Freire (1975), o educador e o educando são sujeitos do processo educativo, ambos crescem juntos nessa perspectiva.

O professor e o aluno trabalham procurando desmistificar a cultura dominante. Dessa forma, à medida que os alunos participam do processo de construção do conhecimento, mais críticas se tornarão suas consciências.

Com essa rápida retomada das principais teorias que contribuíram historicamente no processo ensino-aprendizagem, é possível perceber que sempre houve uma preocupação, por parte da sociedade, em adequar as teorias às realidades de cada período histórico.

Hoje, levando em consideração que a sociedade exige uma nova consciência humana, busca-se, com a pedagogia “Histórico-Crítica” discutida e apresentada por Saviane, uma forma de superar as dificuldades até então encontradas na construção efetiva do conhecimento.

Saviane sustenta, nessa concepção de ensino-aprendizagem, uma teoria dialética, na qual a construção se dá num movimento dinâmico entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico.

Com base nos estudos desenvolvidos por Saviane dentro da Pedagogia Histórico-Crítica, Gasparin (2005) apresenta de forma organizada uma proposta para o desenvolvimento eficaz de ensino e aprendizagem. Trata-se de um método pedagógico totalmente voltado para a transformação social.

Pois, por maior avanço que possa ter ocorrido no contexto educacional, percebe-se ainda que os conteúdos escolhidos, a metodologia utilizada e a postura profissional adotada por muitos educadores revelam uma visão de mundo nem sempre condizente com as propostas pedagógicas vigentes.

Na tentativa de romper com algumas práticas que ainda privilegiam o exercício da repetição e da memorização nas escolas, Gasparin (2005) busca fundamentar uma proposta, baseada também na teoria Histórico-Cultural de Vigotsky, a qual considera e privilegia os conhecimentos que os alunos já trazem de casa, bem como estimula a aquisição daqueles que os discentes precisam saber.

Dentro dessa metodologia, o autor apresenta cinco passos, tendo início com a Prática Social Inicial. Nesse primeiro passo, o aluno precisa sentir-se estimulado e respeitado, só assim sentirá segurança em expressar o que sabe e o que deseja aprender. É o momento em que se iniciam as discussões sobre o conteúdo a ser trabalhado e construído.

A partir das colocações que vão sendo apresentadas pelos alunos, dos questionamentos realizados e das informações que recebem sobre o conteúdo que será trabalhado pelo professor, constrói-se o segundo passo, que é a Problematização.

Esse é um dos momentos mais importantes, pois, dependendo do encaminhamento desse passo, os alunos manifestarão interesse ou não pelo que vai ser estudado. Na Problematização, escolher as perguntas mais importantes é uma forma de garantir a participação ativa dos alunos no processo. É um momento de confronto entre os conhecimentos apresentados pelo professor e os trazidos pelos alunos. Quanto maiores e mais ricas as experiências apresentadas, melhores serão as análises entre teoria e prática.

A problematização é um dos momentos mais ricos do planejamento da aula, pois a partir desse passo se define o que realmente precisa ser estudado e aprofundado. Nesse momento, o aluno deve receber várias informações para que possa estabelecer relações com a sua realidade.

Em seguida, para que o aluno crie, recrie e incorpore o conteúdo que está sendo trabalhado em sua vida, é preciso sistematizá-lo, é o momento da Instrumentalização.

Na instrumentalização, o professor, por meio de uma ação bastante mediada, irá junto com os alunos identificar os princípios práticos e teóricos do conteúdo estudado.

Num quarto momento, ocorre a Catarse, compreende-se que aqui o aluno é capaz de apresentar um posicionamento mais elaborado da Prática Social, integrando os conhecimentos que já conhecia com os científicos. Considera-se que esse é o momento de apropriação do conteúdo.

Para Gasparin (2005, p. 130), no momento da Catarse social feita com base em necessidades criadas pelo homem. Nesse momento, esse conhecimento possui uma função explícita: a transformação social.

Assim, o aluno vai percebendo que ele também é autor da história, visto que, de posse da compreensão do conhecimento, passa a entender melhor a sua realidade.

Num último momento, conhecido como Prática Social Final, o aluno finalmente vai colocar seus conhecimentos em prática. Pode-se dizer que o horizonte de expectativas dos alunos vai ser ampliado. A Prática Social Inicial vai ser agora alterada. E o aluno passa a perceber a realidade de forma diferente, entendendo melhor seu entorno, sendo capaz de reformulá-lo caso seja necessário. Nessa teoria, professor e aluno modificam-se.

Assim, o aluno vai percebendo que ele também é autor da história, visto que, de posse da compreensão do conhecimento, passa a entender melhor a sua realidade.

### **3 Análise e discussão dos dados**

Falar da relação professor-aluno é falar da essência de todo o trabalho que perpassa as ações pedagógicas na escola. Nesse sentido, percebe-se que o ambiente escolar tem se constituído num espaço complexo e ao mesmo tempo instigante, no que diz respeito ao reconhecimento e à importância de como a temática em si é compreendida e encarada por todos os envolvidos.

Foi pensando em desenvolver uma prática comprometida com a realidade de sala de aula, voltada para a orientação de um aprendizado que realmente fundamentasse uma nova construção social pautada na relação entre os sujeitos, que se organizou este trabalho de pesquisa, o qual acabou refletindo as grandes

possibilidades e ao mesmo tempo as grandes limitações existentes no contexto escolar.

Todo o desdobramento do trabalho de pesquisa aconteceu no Colégio Estadual Senador Correia – Ensino Fundamental e Médio, no período matutino, envolvendo uma quinta e uma sexta-série. A constituição e a seleção dos grupos participantes da pesquisa se deram a partir do primeiro encontro estabelecido com os professores, para apresentação da proposta de implementação. Nesse momento, os professores, ao fazerem uma análise da proposta apresentada, sugeriram que o trabalho atendesse as duas turmas que eram consideradas por todos como as mais sensíveis, no que dizia respeito ao tema.

Para alcançar os propósitos desejados na implementação do trabalho, o objeto de pesquisa e os objetivos estabelecidos no estudo, se inscreveram numa abordagem qualitativa, por compreendê-la como a classificação mais adequada ao tema investigado visto que não se considerou apenas a quantificação, mas a interpretação dos dados levantados.

Para a realização deste trabalho de pesquisa, utilizou-se da interconexão entre o material de apoio à pesquisa, denominado caderno pedagógico, o qual carrega em si, questionários, roteiros e inventários acerca da realidade, bem como sugestões e propostas de atividades tanto para alunos como para os professores.

Com o intuito de estabelecer uma aproximação com os professores participantes da pesquisa e, ao mesmo tempo, criar um espaço de reflexão em suas práticas pedagógicas, iniciou-se o estudo do tema e o reconhecimento do material a partir do filme Pro Dia Nascer Feliz (documentário que analisa o sistema educacional em algumas regiões do Brasil).

Esse momento da pesquisa foi bastante interessante, pois se constituiu num rico espaço de interação entre os professores, em que se aproveitou para a construção de interpretações, compreensões e propostas de alternativas relacionadas aos aspectos levantados no roteiro.

Pôde-se observar por parte dos professores em relação aos pontos abordados no roteiro certa facilidade de análise das situações apresentadas no documentário.

Os doze professores que participaram do primeiro encontro ressaltaram o distanciamento existente entre o currículo trabalhado pelos professores do documentário e as necessidades apresentadas pelos alunos. Destacaram como



proposta para melhorar tal situação, a valorização, tanto no que diz respeito aos aspectos estruturais e físicos daquelas escolas, bem como aos investimentos na formação dos professores.

Outros pontos importantes também foram analisados pelos professores, como as relações que puderam estabelecer entre as distintas realidades apresentadas pelo documentário e a do Colégio em que atuam. As características dos jovens, que apesar das regiões mostradas no documentário serem tão distantes com culturas totalmente diferentes, os desafios e os conflitos são praticamente os mesmos por aqui vivenciados, concluíram os professores.

Preocupou-se, durante essa análise vivenciada em conjunto com os professores, desenvolver um estudo dos textos que fundamentam o material (caderno pedagógico). As sugestões colocadas no material apresentam os mesmos pressupostos teóricos apresentados neste artigo.

Visto que o principal objetivo do presente estudo é a relação professor- aluno e o processo ensino aprendizagem, todas as questões analisadas e as atividades propostas tiveram como intuito contribuir para que os professores refletissem sobre suas práticas e, ao mesmo tempo, exercessem ações inovadoras e criativas em seu dia-a-dia.

Com a pretensão de aproximar os professores da sua própria realidade, foi realizado um questionário com dez perguntas, todas relacionadas à prática pedagógica individual do professor. Nesse momento, o professor pôde pensar em sua ação educativa, percebendo-se como um investigador de seu fazer em sala de aula.

Em relação à primeira pergunta, a qual se referia **aos principais desafios enfrentados em sala de aula**, foram consideradas as seguintes respostas:

- Desinteresse dos alunos;
- Não cumprimento das atividades propostas;
- Desrespeito ao professor e aos colegas;
- Brincadeiras durante as aulas;
- Falta de material necessário para acompanhamento das aulas;
- Conversa e tumulto durante a aula;
- Falta de limites em casa acabam refletindo na escola;
- Falta de auto-estima dos alunos;

- Baixo nível de desempenho dos alunos;
- Preguiça;
- Indiferença;
- Falta de material pedagógico.

Todos os itens apontados pelos professores devem ser levados em consideração, pois eles retratam o que acontece em muitas realidades. Entretanto, de acordo com os pressupostos teóricos apresentados no capítulo I deste trabalho, percebe-se que a maioria dos aspectos abordados diz respeito à atuação discente. Isso significa que os professores ainda apresentam certa resistência em falar de si, como se a maioria dos problemas enfrentados em sala de aula tivesse algo a ver somente com os alunos. Daí vem a necessidade de o professor refletir sobre sua prática, mas é preciso compreender que isso será uma consequência do processo de formação continuada, no qual ele precisa se sentir envolvido. Certamente, usufruindo de estudos e teorias que ajudem o professor a pensar e a entender melhor o real sentido e significado do que faz, a relação que mantém com os alunos com que trabalha poderá ser melhorada.

Quando indagados sobre **como procuram solucionar esses desafios**, os professores relataram as seguintes ações:

- Conversas com os alunos para explicar e orientar sobre a importância da escola na vida deles;
- Encaminhamento ao serviço pedagógico escolar para que os alunos sejam orientados;
- Chamadas de atenção aos alunos;
- Solicitação da presença dos pais;
- Momentos de sensibilização;
- Leitura de textos que promovem a reflexão crítica dos alunos.

As atitudes apresentadas pelos professores variaram, indicando níveis de compreensão e experiência pedagógica diferenciadas. Dessa forma, percebe-se nas ações de alguns docentes uma capacidade maior de colocarem-se como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Estes acabaram colaborando com aqueles que ainda consideram que devam se manter muito afastados de seus alunos. A colaboração deu-se nos momentos de leitura e discussão do capítulo II, o

qual trata da importância do processo de mediação e interação entre alunos e professores.

No que se refere à questão **que mais inquieta o professor em sua prática docente**, todos foram unânimes em responder sobre a falta de interesse da juventude pela escola e a falta de perspectiva que estes têm em relação à vida futura.

Essa unanimidade na resposta dos professores aponta numa direção única, o professor necessita com urgência encontrar formas diferenciadas para trabalhar com os alunos, buscando encantá-los..e envolvê-los nas atividades. Para tanto, será necessário que o professor realize constantemente a auto-avaliação de seu trabalho, pois essa é uma prática que auxilia o professor a descobrir as possíveis falhas, bem como as possibilidades de mudança. É certo que, se encontra alunos desmotivados em sua sala de aula, é com essa realidade que precisa trabalhar e não com a idealização de um espaço onde problemas não ocorram. O principal desafio para esse educador passará a ser a transformação da visão desses alunos que não veem atratividades na escola.

Na questão, **que estratégias utilizam para manter os alunos interessados na aula**, as respostas variaram:

- Buscando variar os recursos utilizados na aula;
- Mantê-los sempre muito ocupados;
- Impondo limites para os alunos;
- Procurando trabalhar conteúdos do interesse de todos.

Nesse item é perceptível que alguns professores demonstram preocupação com a qualidade da aula, principalmente, no que se refere ao primeiro e ao último item apresentados. Se a escola é uma continuidade do que se vê na vida, é mais fácil que surja interesse por estar na escola e por aprender o que ela ensina. Por outro lado, se a escola se instala entre as paredes de um grande muro que a isola da realidade, estar na escola passa a ser uma simples obrigação nada estimulante. Por essas respostas, dá para perceber que os professores mostram interesse em melhorar a relação que mantêm com seus alunos, mas ainda se pode sentir um distanciamento buscado por alguns quando dizem que é interessante sempre manter os alunos ocupados, ou impor limites a eles.

Quando foram perguntados **se achavam importante dialogar com os alunos**, todos responderam que sim, afirmando que o diálogo é um rico instrumento para manter a sala de aula em harmonia.

Apesar de a resposta ser positiva em relação às abordagens apresentadas no capítulo II do trabalho, o processo de interação e de mediação na relação professor-aluno precisa ser bem compreendido, bem como as implicações desses pressupostos no dia-a-dia da escola. Isso porque, nesses momentos, é que os professores colocam em prática todo o seu conhecimento a respeito de como percebem a afetividade (capítulo III) e de como compreendem as transformações físicas e psicológicas pelas quais passam os alunos (capítulo IV).

Sobre a pergunta, **o que mais o incomoda na postura do aluno**, responderam:

- Desinteresse pela matéria;
- Falta de respeito;
- Conversas paralelas durante a aula;
- Apatia.

As respostas apresentadas nessa questão revelam a necessidade de os professores buscarem estratégias de trabalho que os ajudem a sair desses dilemas. De acordo com o referencial teórico apresentado anteriormente, Freire aponta que professor e alunos são sujeitos desse processo. Como já fora comentado anteriormente, se é essa realidade que o professor encontra em sala de aula, é com ela que ele deve trabalhar e saber que tais problemas existem é o primeiro passo para buscar solucioná-los.

Para a questão **de que forma procuram resolver os conflitos na classe** surgiram as seguintes respostas:

- Dar um tempo para que todos os alunos fiquem quietos;
- Falar em tom baixo para que os alunos prestem atenção;
- Buscar ouvir os alunos;
- Impor limites aos alunos;
- Buscar um diálogo constante com os alunos, levando-os a um processo de reflexão.

Essas respostas mostram duas posturas bem distintas. As respostas 1, 2 e 4 revelam um professor que deseja que o conflito se resolva, sem que haja a sua

interferência. Já as respostas 3 e 5 apresentam um professor mais comprometido com seu papel social. Um professor que busca se relacionar com seus alunos, transpondo a formalidade dos papéis ocupados por docentes e discentes. Essa última postura é a de alguém que avalia sua prática e busca melhorar a relação professor-aluno.

Na questão, **se sabiam o que os alunos esperam de suas aulas**, afirmaram que os alunos desejam que:

- A aula seja bem interessante;
- O conteúdo ajude-os a achar um bom emprego;
- O ensino garanta um futuro promissor;
- O professor proporcione uma boa educação.

Essas respostas apresentam dois fatos curiosos: a primeira resposta parece bem evasiva uma vez que o que é interessante para o aluno não é, necessariamente, interessante para o professor. Aliás, os interesses podem ser bem opostos. Assim, o professor pode ter planejado sua aula, pensando que em algo dos mais interessantes, mas pode não despertar o interesse dos principais envolvidos. As demais respostas parecem traduzir um discurso de outrem. Elas revelam a voz da própria escola ou da família que tentam impor para os alunos a necessidade de se estar na escola. O capítulo IV deste artigo mostra um pouco mais sobre essa clientela, muitas vezes, tão difícil de entender.

A nona questão, relacionada sobre **o que o professor considera mais em sua aula: se o que ele ensina ou o que seu aluno aprende**, a grande maioria dos professores considerou que as duas coisas são importantes, apenas alguns ressaltaram a importância de se acompanhar o processo de aprendizagem do aluno.

Como já se viu no segundo capítulo deste texto, no processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância e é na escola que essa interação é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Segundo Freire, o diálogo é importante instrumento na constituição dos sujeitos. Mas é necessário que esse diálogo seja compreendido pelo professor como inerente ao ser humano na sua constituição porque é a ele que cabe a mediação de todo o processo.

E finalmente a última questão relacionada **à forma como o professor incentiva seus alunos a participarem da aula**, surgiram as seguintes respostas:

- Variar a forma de trabalhar os conteúdos;
- A utilização de recursos, como a TV multimídia;
- Trabalhos em grupos;
- Partir do conhecimento que o aluno já domina;
- Diversificar a forma de avaliação.

Ao se fazer a análise dos dados apresentados nas respostas dos professores, pôde-se observar que muitas das considerações feitas por eles revelaram que a relação entre professores e alunos e o processo ensino-aprendizagem envolve muitos fatores, tornando-se uma tarefa bastante complexa e ao mesmo tempo desafiadora.

Conforme os itens citados nos questionamentos, pôde-se observar que a maioria dos aspectos mencionados estavam relacionados à relação professor-aluno. Daí mais uma vez a importância de se ressaltar o papel importante do professor nesse processo visto que cabe a ele a responsabilidade de tomar algumas decisões para que ocorra realmente o processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que o êxito de todo trabalho docente exige do professor uma abertura à compreensão e à reconstrução contínua da própria identidade profissional, só assim os educadores estarão instrumentalizados para saber qual a melhor decisão a ser tomada no cotidiano da aula.

Ao dar continuidade na análise desses estudos, percebe-se que todas as condições que se fazem necessárias para transformar o espaço escolar num ambiente acolhedor com princípios pedagógicos eficazes estão relacionadas com o trabalho docente.

Ficou clara na fala de alguns professores participantes da pesquisa que, existe por parte deles, uma preocupação em exercer o papel docente de uma maneira séria e comprometida com o desenvolvimento dos alunos. Alguns dados são importantes nesse sentido, merecendo destaque, como a valorização do diálogo na sala de aula, a utilização de novas metodologias, e certa preocupação em partir do conhecimento prévio, bem como atender às necessidades apresentadas pelos alunos. Percebe-se implicitamente que alguns desses professores estão interessados em propiciar condições favoráveis de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, acredita-se que com a realização de estudos e reflexões como a que este trabalho de pesquisa proporciona, os docentes estarão efetivamente

introduzindo seus alunos na cultura e no saber social e histórico que foi produzido e acumulado pela humanidade.

Acreditando que é possível superar a maioria desses conflitos e transformar a realidade da sala de aula no que diz respeito à relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem, algumas propostas foram sugeridas para os professores colocarem em prática com seus alunos.

Por entender que o respeito e a cooperação são condições indispensáveis para o desenvolvimento de atividades educativas, propôs-se uma atividade para a construção de um contrato pedagógico com a participação de alunos e professores. Na construção dessa atividade, os professores colocaram para os alunos sobre a importância da tomada de decisão em conjunto. Foi um momento de partilha de responsabilidades, no qual as ações pensadas e organizadas emergiram em prol de todos os envolvidos.

Foi um desafio construir posturas baseadas no respeito ao outro, pois foi necessário um tempo para que os alunos começassem a compreender que as regras de convivência só favoreceriam as relações na sala de aula. Entretanto, foi gratificante perceber uma cumplicidade entre professor e aluno, ambos passaram a ouvir mais uns aos outros.

Assim, as propostas que se seguiram como sugestões no caderno pedagógico tiveram o compromisso de não só promover uma aproximação entre professores e alunos, mas realizar um diagnóstico das necessidades de cada classe trabalhada.

Os professores organizaram assembleias com alunos, debateram sobre a temática da convivência escolar e na sequência organizaram uma dinâmica, na qual iam passando uma caixa ao som de uma música, com perguntas sobre os interesses dos alunos e assim que parava a música, eles liam e respondiam. As questões eram direcionadas para o levantamento do perfil de cada turma, manifestado por intermédio das opiniões dos alunos, com as seguintes questões: qual a pessoa que mais admiram, qual o maior desejo, o que gostam de fazer, qual o maior medo, de que atividade realizada na escola mais gostou, qual o problema que mais afeta a juventude, sobre o que gostaria de falar aos colegas.

Na categorização das respostas dadas pelos alunos, constatou-se certa semelhança nos posicionamentos apresentados. A maioria enfatizou admiração pelos pais e amigos. Sobre o que gostam de fazer, uns relataram que gostam de

conversar com amigos, outros gostam de passear e poucos colocaram atividades culturais como teatro, festas, filmes. Em relação à atividade realizada na escola de que mais gostaram, todos comentaram como experiência marcante, a realização de um jornal falado, na aula de Língua Portuguesa, e quanto ao problema que mais afeta a juventude, todos mencionaram a questão das drogas, sendo esse também o assunto que gostariam de falar para seus colegas. Sobre a questão do medo, demonstraram muito receio às questões de violência, seguidas de morte.

Partindo da análise dessas questões, chegou-se então, à próxima atividade do caderno pedagógico, a qual foi a construção dos projetos de vida elaborados individualmente pelos alunos. Essa atividade partiu da leitura da obra *Abrindo Caminhos*, da autora Ana Maria Machado. Por se tratar de um texto rico em intertextualidade e que traz, como personagens, ilustres figuras da história universal, os quais marcaram a história dos homens. Essa prática coube muito bem para sensibilizar os alunos na construção de seus projetos.

O interesse dos alunos pela atividade anterior foi bastante significativo, notou-se, por parte dos grupos um envolvimento na elaboração dos projetos, os comentários foram bem positivos, afirmaram terem se sentidos valorizados.

Para finalizar as atividades propostas pelo caderno pedagógico, foi proporcionado um encontro entre alunos e professores para a realização de uma entrevista. O momento foi coordenado pelo professor pedagogo da escola, e os alunos foram orientados na elaboração das perguntas. Dentre os vários aspectos, pôde-se observar o quanto os alunos sentiram-se estimulados e felizes em participar desse momento. Embora os alunos às vezes pareçam indiferentes, e em outras inconsequentes, demonstraram-se muito interessados na atividade e bastante afetivos com os professores. As perguntas variaram conforme o interesse dos grupos, mas foram questões bem pertinentes como: Por que escolheu ser professor? O que mais lhe encanta em sua área de atuação? O que mais gosta em sua profissão? Considera importante ouvir seus alunos? Em que momento? Que conselho daria a seus alunos hoje?

Os professores demonstraram-se super interessados e atenciosos durante a entrevista. Responderam de forma carinhosa estreitando vínculos com as classes. Ressaltaram as influências dos bons mestres que tiveram em suas vidas, daí a escolha pela área de atuação. Descreveram um pouco sobre a paixão pelo objeto de estudo de cada área e a sua relevância para a sociedade, comentaram sobre a



responsabilidade de sua profissão e os desafios enfrentados, reafirmaram o quanto é importante ouvir seus alunos e, finalmente, deixaram várias mensagens aos mesmos. Todas as mensagens estavam relacionadas ao futuro desses alunos, destacando a importância de se cultivar uma postura de atenção e dedicação diante daquilo que fazem.

#### **4 Considerações finais**

Ao se estabelecer uma comparação entre os dados levantados na pesquisa e os referenciais estudados, pode-se afirmar que por mais divergências ocorridas nos posicionamentos dos educadores e dos alunos, foi possível notar que existe uma preocupação de ambos os lados, em buscar caminhos cada vez mais eficazes de convivência na escola.

É importante considerar que, como em toda a pesquisa, esta revelou apenas alguns aspectos delimitados pela temática, pois a relação professor-aluno, vai muito além das questões aqui analisadas, isso acontece principalmente, devido às constantes e aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade e refletem no contexto escolar.

Mas vale a pena lembrar que o ponto de partida deste trabalho de pesquisa teve início com uma questão bastante relevante e que preocupa muito todas as pessoas que fazem parte dos ambientes escolares: **a relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem**. O percurso traçado permitiu muitos apontamentos para possíveis caminhos que auxiliarão, não só as posturas de quem vivencia a problemática, bem como daqueles que desejam iniciar uma trajetória.

Embora o tema apresente múltiplas faces, foram visíveis as mudanças a partir dos resultados obtidos e alguns pontos merecem destaque. Os professores sentiram-se estimulados e convidados a dar continuidade nos momentos de estudo e reflexão em conjunto, A percepção sobre o aluno adolescente modificou. Agora os professores apresentam uma visão mais compreensiva e positiva desses sujeitos. Os professores, por meio das leituras das referências e das atividades desenvolvidas, passaram a apresentar uma postura diferenciada em relação às questões de afeto e cognição, A dimensão afetiva passou a ocupar lugar de destaque para muitos docentes.

Contudo, apesar de muitos avanços poderem ser observados, sabe-se que ainda há muitos pontos que necessitam ser retomados e redimensionados. O importante é que houve intervenção e alteração no contexto estudado. A proposta ora apresentada encontra-se aberta para qualquer consideração e sugestão.

## REFERÊNCIAS

- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDAU, V. M. **Reinventar a Escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CARVAJAL, G. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Medo e ousadia**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GALVÃO, I. **Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2005
- GUILLOT G. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Artmed. 2008.
- MIZUKAMI, M da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- PIMENTA, S. G. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- DENCKER, A. de F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação**. São Paulo: Futura, 2001.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MORAN, J. **A afetividade e a auto-estima na relação pedagógica.**  
<http://www.eca.usp.br/prof/moran/bases.htm>

PIMENTA, S. G. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil** . 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações.** 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. v. 4. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.